

A DOCTRINA DA GRAÇA E A PREDESTINAÇÃO EM AGOSTINHO DE HIPONA

Hayan Deonir Flach*
Sirlene Sousa Vieira**

Resumo: Entre as grandes questões teológicas discutidas por Agostinho de Hipona, destacamos o tema da graça e predestinação. Os temas ganham expressão no contexto do pelagianismo, e em decorrência disso, surgem também equívocos da parte de Agostinho, especialmente sobre a doutrina da predestinação, pelo fato de ter feito interpretações literais das Sagradas Escrituras, para justificar sua teoria. Com o amadurecimento do seu pensamento, é possível notar, a partir das obras, a sua conversão no modo de abordar os temas da graça e da predestinação. Quanto ao tema da graça, podemos considerar que é o efeito da própria graça que inspira Agostinho, fazendo com que ele considere a ação de Deus na sua vida. Por isso, deve-se ter presente que a vida não tem uma mera predestinação que depende unicamente do esforço humano, mas ela é intimamente ligada à ação de Deus, que nos impulsiona à reconciliação e a viver na Graça, que é Cristo.

Palavras-chave: Predestinação. Graça. Conversão. Cristo.

THE DOCTRINE OF GRACE AND PREDESTINATION IN AUGUSTINE OF HIPONA

Abstract: Among the major theological questions discussed by Augustine of Hippona, we highlight the theme of grace and predestination. These themes gained expression in the context of Pelagianism, and as a result, misunderstandings also arise on Augustine's part, especially regarding the doctrine of predestination, due to the fact that he made literal interpretations of the Holy Scriptures, to justify his theory. As his thinking matured, it is possible to notice, from his works, his conversion in the way he approached the themes of grace and predestination. Regarding the theme of grace, we can consider that it is the effect of grace itself that inspires Augustine, making him consider God's action in his life. Therefore, we must bear in mind that life does not have a mere predestination that depends solely on human effort, but it is closely linked to the

* Licenciado em Filosofia pela Faculdade Palotina – FAPAS. Acadêmico do 4º semestre do curso de teologia da Faculdade Palotina-FAPAS. E-mail: hayanflach@hotmail.com.

** Acadêmica do 4º semestre do curso de teologia da Faculdade Palotina-FAPAS. E-mail: vsirlene@hotmail.com.

action of God, which drives us to reconciliation and to live in Grace, which is Christ.

Keywords: Predestination. Grace. Conversion. Christ.

Introdução

Esta pesquisa intenciona coletar dados e aprofundar a tensa questão abordada por Agostinho de Hipona sobre Graça e predestinação. Esta disputa de Agostinho ocorre no contexto de pelagianismo, onde o Homem tinha a liberdade total de seguir mau exemplo e ser condenado, assim como foi com Adão, ou seguir bom exemplo e ser salvo, como foi Jesus. É, pois, pela liberdade humana que escolhemos ser salvos ou condenados.

Sobre a predestinação, trata-se de discussões sobre a predeterminação de Deus em relação à salvação ou não de cada homem e mulher. Isto é, Deus, desde sempre, já outorgou a eleição a alguns e a outros não concedeu esta Graça, tornando-se assim a *Massa Damnata*¹. Considera-se ainda que Agostinho apresenta com maior ênfase a predestinação para a Graça e Salvação e não para a condenação, haja vista a afirmação de uma predestinação para a condenação ser bastante áspera e assustadora, apesar de sabermos que se há uma predestinação para a Graça, logicamente há predestinação para a condenação. Isso faz com que se recupere, em sentido negativo, a clarividência de um Deus justiceiro. Por isso, Agostinho esforça-se por apresentar a *Predestinacio Gratia*.

Seguindo a pesquisa, apresentamos os seguintes títulos: *De gratia Christi*; *De gratia et liberto arbitrio*; *De correptione et gratia*; *Ad simplicianum*; *Enchiridion*; *De diversis quaest*; Cidade de Deus; Sobre a predestinação dos Santos; Sobre a

¹ Expressão latina utilizada por Agostinho de Hipona para se referir à massa condenada, ou seja, àqueles que não são salvos ou escolhidos pela Graça de Deus.

correção e a graça; Sobre os méritos e a remissão dos pecados; O debate com Felix, o Maniqueano; Ao instruir o ignorante, que são algumas das obras em que Agostinho de Hipona irá tratar sobre os temas da Graça e da Predestinação.

1 Sobre a predestinação

No início das discussões de Agostinho sobre a predestinação, encontram-se alguns equívocos, principalmente por sua interpretação literal das Sagradas Escrituras. Exemplo disso, temos na carta aos Romanos.

E nós sabemos que Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam, daqueles que são chamados segundo o seu desígnio. Porque os que de antemão ele conheceu, esses também predestinou [...] e os que predestinou, também os chamou; e os que chamou, também os justificou, e os que justificou também os glorificou (Rm 8,28-30).

Além desta citação, os capítulos 8-11 da mesma carta também se referem à predestinação, porém ele ainda não tinha compreendido de que predestinação se estava referindo. A linha de pensamento de Agostinho impulsiona para a predestinação ao céu, mas com isso perde de vista a salvação de todos, fazendo com que somente alguns sejam salvos e os demais se tornem massa condenada por conta do pecado original. Ou seja, este é já motivo para que todos sejam condenados.

Segundo tal juízo, o homem não está em condições de querer nada, a menos que Deus assista nele este querer: ser bom ou ser mau; fé e incredulidade; beatitude e condenação são remetidos à vontade divina de tal modo que, por motivo

da imprescrutabilidade da eleição divina por graça, são salvos somente os eleitos tirados da massa da perdição, enquanto outros homens por causa da permissividade de Deus, perdem-se eternamente. Estes não são objetos de injustiça de Deus, porque nenhum homem, após o pecado, tem direito à redenção-salvação (AGOSTINHO, 2014, p. 64).

O bispo de Hipona afirma com insistência que há uma categoria de eleitos e uma massa perdida. Mas por que Deus faria isto?

O ensinamento de Agostinho conduz a um engessamento da vontade salvífica, pois Ele quis mostrar a sua misericórdia e justiça a apenas uma parcela da humanidade e os demais seriam predestinados ao eterno aniquilamento (AGOSTINHO, 2014, p. 65).

A predestinação aqui é compreendida como um decreto onde, desde toda a eternidade, Deus marca com a sua Graça alguns e a outros não. Para ele, Deus escolheu resgatar aleatoriamente e sem critérios definidos. E ainda, não escolheu por amor, mas para marcar e estabelecer a sua soberania. Mas com isso Agostinho está ignorando o amor de Deus. O que soa da sua teoria é que Deus não nos ama, mas nos usa para imperar (ROSA, 2022, p. 56).

Sobre a escolha de alguns, Agostinho toma o seguinte texto: “Eu vos amei, disse lahweh – Mas vós dizeis: Em que nos amaste? – Não era, por acaso, Esaú irmão de Jacó? – Oráculo de lahweh. Contudo, eu amei a Jacó e odiei Esaú” (Mt 1,2-3). Esta mesma passagem é reproduzida em Rm 9,13 e, por isso, seguindo a estrutura de pensamento de Agostinho, Deus realmente odiava Esaú e queria condená-lo.

Agostinho utiliza estas perícopes para justificar o seu pensamento afirmando que: “Há uma massa condenada de toda raça humana [...] de modo que ninguém seria libertado deste castigo justo e devido, exceto por

misericórdia e graça, e assim a raça humana é dividida para que em alguns possa ser mostrado o que a graça misericordiosa pode fazer e em outros o que a vingança pode fazer” (AGOSTINHO, 1996, p. 355).

Para ele, os que não foram salvos são mais numerosos do que aqueles que ele predestinou como filhos da promessa, de modo que esta grande *massa damnata*, não tem importância. Disso implica que Deus não faz questão de que todos sejam salvos. Por isso, claramente Agostinho nega o que afirma a Escritura: Deus “quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4). Ou seja, para Agostinho Deus não ama ninguém, mas apenas usa alguns para mostrar misericórdia.

1.1 A interpretação alegórica

Tanto Agostinho quanto Ambrósio fizeram algumas interpretações equivocadas, especialmente das cartas paulinas. “Alegrava-me ouvir Ambrósio quando, muitas vezes em seus sermões, recomendava ao povo a norma a ser escrupulosamente observada: a ‘letra’ mata, ‘mas o espírito comunica a vida’. Removido assim o místico véu, esclareceram-se espiritualmente passagens que, tomadas ao pé da letra, pareciam ensinar o mal” (AGOSTINHO, 1997, p. 148). Esta fala de Ambrósio é colhida de 2Cor 3,6, onde São Paulo faz esta afirmação em sentido simbólico.

Segue outro exemplo de interpretação alegórica feita por Agostinho: “Vamos, então, entender o chamado pelo qual os eleitos são feitos eleitos: eles não são pessoas escolhidas porque acreditam, mas são escolhidas para que possam acreditar. Pois até o Senhor deixou este chamado suficientemente claro quando disse: Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi” (Sobre a

predestinação dos santos 17 apud MARTINS, 2023). Este texto de Agostinho se refere a Jo 15,16-17, no qual Jesus diz aos apóstolos que Ele próprio os havia escolhido para o serviço/vocação que estavam assumindo, porém Agostinho toma o texto como predestinação ao céu ou inferno.

Na carta ao Efésios o bispo extrai outro elemento: “Nele nos escolheu antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor. Ele nos predestinou para sermos seus filhos adotivos por Jesus Cristo” (Ef 1,4-5). O que ele entende aqui é que há uma verdade bíblica na predestinação e na graça (Sobre a predestinação dos santos 17 apud MARTINS, 2023). O que São Paulo está afirmando neste texto não é a predestinação para o céu, mas para a Igreja.

1.2 Correlação entre predestinação e graça

Nos textos bíblicos encontramos passagens onde Deus deseja que todos sejam salvos: 1Tm 2, 4-6; Tt 1, 2. Mas Ele salva a todos desde que queiram ser salvos, por isso, aos pecadores ele convida à conversão: Rm 13, 1-7; Ez 18, 23; 1Cor 8,6; Hb 8,6.

“Que ‘Deus deseja que todos os homens sejam salvos’, pode ser entendido também desta forma: Que Ele nos faz desejar que todos os homens sejam salvos” (*De correptione et gratia* 15, 47). Portanto, Deus não força a salvação, mas propõe com um ‘sopro’ no espírito humano, o desejo pela salvação. Mas o fato de ser salvo não é por vontade pessoal, e sim pela “Sua vontade” (Epistola 217, 6, 19 apud MARTINS, 2023). Noutro texto ele diz: “Pois somente a Graça distingue os remidos dos perdidos” (*Enchiridion* 99 apud MARTINS, 2023).

Diante disso, encontramos algumas contradições de Agostinho, pois anteriormente vimos que Deus ‘seleciona’ alguns para salvar, mas agora já encontramos o bispo resgatando as passagens bíblicas onde se afirma que Deus ama a todos. Sendo assim, noutros tempos, Agostinho parecia negar, mesmo sem perceber, o amor de Deus.

Nessa aproximação, o bispo passa a perceber que a predestinação não está vinculada aos méritos ou deméritos, mas está sob o julgo de Deus. Por isso, nota-se que na opção de Deus existem três etapas:

Primeiro, Deus deseja sincera e veementemente que todos sejam salvos; Em segundo lugar, Ele prevê que alguns resistirão gravemente à graça: por conta dessa resistência e por causa dela, Ele reprova; Em terceiro lugar, Ele decreta salvar os outros, não por méritos, mas porque Ele sempre quis isso e estes pontos anteriores não bloqueiam Sua vontade (MARTINS, 2023).

A predestinação compete estritamente à vontade de Deus. Por isso, não importa o desejo humano e nem a força que empreenda em direção ao Criador. “Na verdade, Deus havia predestinado os seus eleitos, seus redimidos, e nada do que o homem pudesse fazer mudaria o decreto eterno” (NOVÔA, SANTOS, SOUZA, 2020, p. 5).

Agostinho recapitula a sua afirmação anterior de que “O poder salvífico desta religião jamais faltou a alguém que dela fosse digno e, se a alguém faltou, é porque não foi digno” (AGOSTINHO, 2014, p. 77). Agora se retrata dizendo que a salvação

Não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho. Pois somos criaturas dele, criados em Cristo Jesus para as

boas obras, significa a graça. O que se lê em continuação: Que Deus já antes tinha preparado para que nelas andássemos (Ef 2,9-10), indica a predestinação, que não existe sem a presciência, ao passo que a presciência se pode dar sem a predestinação (AGOSTINHO, 2014, p. 77).

Este texto de Agostinho deixa claro que pela predestinação Deus sabe o que há de fazer e pela graça permite que aconteça. A sabedoria de Deus já organizou o percurso que cada ser humano irá percorrer.

Agostinho apresenta Jesus Cristo como modelo de predestinação e graça. Para ele, quais méritos anteriores teria Jesus para cumprir tal missão? Como esta natureza humana, ao ser encarnada pelo Verbo, mereceu ser Filho de Deus? Há algum merecimento especial nesta união? O que Deus fez em quem acreditou na promessa e na missão de ser a mãe desta unidade? O Filho único nasce por uma singular graça de Deus? Houve possibilidade de este homem, pelo uso do seu livre arbítrio pecar durante a sua vida? Estes questionamentos objetivam evidenciar a absoluta necessidade da graça à salvação para o gênero humano.

A natureza humana, e, portanto, a nossa, recebeu em Jesus Cristo também estes dotes admiráveis, de forma gratuita e sem merecimento prévio, mas apenas porque Deus nos criou e nos dá a Sua graça (AGOSTINHO, 2014, p. 75).

2 Sobre a graça

Aqui teremos discussões principalmente entre Agostinho e Pelágio. Estes são protagonistas que possibilitaram o avanço sistemático da doutrina, a qual foi sendo melhor compreendida ao longo do tempo.

2.1 Pelágio e a graça

Pelágio protagonizou algumas discussões sobre a graça que exigiram de Agostinho respostas. Seu método de vida pautava-se em valores morais e no asceticismo. Para ele, a natureza é quase que contra os cristãos indolentes e mórbidos que querem viver de uma forma infantilizada, ou seja, colocando-se em tudo sob a sujeição de Deus e até mesmo culpando-se do pecado original. Ele incentiva que o homem conheça o seu poder na prática da virtude. Para que assim aconteça, basta seguir o livre arbítrio e a lei moral, pois o Homem já tem todo o necessário para alcançar justiça (AGOSTINHO, 2014, p. 54).

Portanto, não é preciso as orações e graças ulteriores às que já foram colocadas no ato da criação. O fato de seguir os mandamentos já livra o homem do pecado.

Essa doutrina Pelágio a aprofundou ao tratar da criação no seu livro de 415 Sobre o livre-arbítrio. A liberdade é plantada no homem no momento da criação, como uma raiz. A graça de Deus se inscreve no ajudar as decisões do livre-arbítrio em seguir o exemplo de Cristo. A graça desempenha um papel coadjuvante, dado que a liberdade não sofreu com o pecado de Adão. Nesta perspectiva, os pelagianos davam o nome de graça de Deus à própria natureza, à liberdade, à doutrina, à lei antiga, ao Evangelho. A graça sobrenatural é desnecessária. Toda a Escritura é entendida como a revelação de uma Lei a ser observada e exemplo a imitar. Para os pelagianos, a graça é incompatível com o livre-arbítrio (AGOSTINHO, 2014, p. 54).

Pelágio passa pela história como um inimigo da graça que defendia a liberdade e anunciava o homem como cheio de potencialidades e autônomo no cumprimento dos mandamentos até atingir plena perfeição. Além do mais,

“Jesus é o exemplo a ser imitado, com toda a radicalidade” (AGOSTINHO, 2014, p. 55).

2.2 As teses de Agostinho sobre a graça

De acordo com Bingemer e Feller, Agostinho expõe sua teoria a partir destes pontos:

1) O Ser humano decaído é escravo da concupiscência e do pecado. Ele perde sua liberdade que lhe dá poder de amar e cumprir o bem por consequência do pecado.

2) É pela graça de Cristo que o homem decaído é justificado, lhe devolve o amor, o bem e a complacência na justiça, sendo ele agora inspirado pela caridade. A justificação sendo a ação de Deus que converte o pecador, o salva do egoísmo orgulhoso e sensual, pela caridade que vem de Deus.

3) O livre-arbítrio cativo do pecado pode fazer mal, ainda que seus atos não sejam maus em si mesmos, o são por causa da intenção de cobiça que os inspira. O pecado original os priva da bondade que deveriam ter.

4) O ser humano é impotente para o ato de fé que leva à salvação. O desejo, a boa vontade é dom de Deus.

5) O batismo regenera o pecador. Com isso, ele é incorporado a Cristo e à Igreja, tornando-se templo do Espírito Santo. É, pois, sinal de caridade e justiça de Deus para com o ser humano, o qual se torna justificado.

6) A justificação é um dom incriado do Espírito Santo e dom criado da caridade.

7) O ser humano necessita do auxílio de Deus para executar as obras salvíficas e perseverar na justiça; a graça restitui o homem, mas não lhe devolve

a liberdade do estado anterior, dado que ele continua sendo um convalescente e necessita sempre do apoio de Deus. Pois mesmo justificado tem inclinações à concupiscência que serão vencidas pela graça na oração, que é o auxílio divino que contribui na manutenção da perseverança.

8) O ser humano justificado por sua colaboração com a graça, merece a vida eterna. Entretanto a perseverança humana é dom de Deus, logo não se pode merecer a graça pelas obras, Deus a concede por ser bom.

9) A predestinação é gratuita, sendo assim o homem faz o bem e persevera até o fim, pois foi Deus quem o escolheu.

Com essas teses elaboradas por Agostinho, destaca-se a causalidade divina na obra da salvação, onde não se descarta o esforço humano, mas o deixa num plano inferior ao de Deus. A primazia da salvação está em Deus (2003, p. 93-95).

2.3 Agostinho e a graça

Para Agostinho a natureza merece elogios, pois é obra das mãos de Deus. Porém, no momento que se encontra, precisa do auxílio divino, a graça. Segundo ele, “Esta aperfeiçoa, enobrece, cura e santifica o homem. Reconhece o valor da natureza, porém, deixada a si mesma, não tem nenhuma potencialidade, a não ser para o pecado” (AGOSTINHO, 2014, p. 54).

Mesmo diante da beleza da criação, o homem foi atingido pelo pecado original e nesta condição não seria salvo se não fosse a graça, que é um dom gratuito e não por merecimento. Caso assim fosse, não seria graça, mas ‘salário’ do esforço pessoal. O humano está doente e precisa de um médico, que é o próprio Deus. Ele porta a cura, pois

Vós estáveis mortos em vossos delitos e pecados. Neles vivíeis outrora, conforme a índole deste mundo, conforme o Príncipe do poder do ar, o espírito que agora opera nos filhos da desobediência. Com eles, nós também andávamos outrora nos desejos de nossa carne, satisfazendo as vontades da carne e os seus impulsos, e éramos por natureza como os demais, filhos da ira. Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo – pela graça fostes salvos! (Ef 2,1-5).

Diante da graça, o homem não é um mero receptor passivo, mas é agente responsável. É por meio dela que nos movemos em direção à reconciliação e cooperamos a partir das boas obras. “Nós agimos, mas Deus opera em nós o agir” (AGOSTINHO, 2014, p. 55).

Reagindo aos que acreditam que é possível vivermos sem pecado por força própria, Agostinho afirma que antes do batismo o homem é pecador pela hereditariedade do pecado de Adão e após o batismo, pecador pela concupiscência. É como que uma necessidade de pecar e por isso precisa do socorro de Deus. Por isso, a graça não vai contra a natureza, mas a cura e a liberta.

2.4 Viver na graça

Deus escolhe e elege pessoas para o serviço do Seu reino não pelas capacidades e aptidões de cada um.

lahweh falou a Moisés, dizendo: “Eis que chamei pelo nome Beseleel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá. Eu o enchi com o espírito de Deus em sabedoria, entendimento e conhecimento para toda espécie de trabalho, para elaborar

desenhos, para trabalhar em ouro, prata e bronze, para lapidação de pedras de engaste, para entalho de madeira, e para realizar toda a espécie de trabalhos. Eis que lhe dou por companheiro Ooliab, filho de Aquisamec, da tribo de Dã; coloquei a sabedoria no coração de todos os homens de coração sábio, para que façam tudo o que te ordenei (Ex 31,1-6).

Este é um dos textos que faz referência ao chamado/predestinação de Deus. É ele próprio, por sua Graça que chama. Nem todos os que foram chamados a seguir Jesus quiseram participar da ceia e nem os que vieram poderiam ter vindo se o Senhor não os chamasse. Deste modo, aqueles que foram não podem atribuir a si próprios este chamado, “Pois eles vieram sendo chamados e aqueles que não quiseram vir atribuíram isso a ninguém além de si mesmos, pois, para que eles pudessem vir, eles foram chamados de livre arbítrio” (Sobre os méritos e a remissão dos pecados 2, 17, 26 apud MARTINS, 2023). É por causa do orgulho que o homem não escolhe salvar-se, pois Deus nos concede a Graça.

Felix disse: Você chama Maniqueu de cruel por dizer essas coisas. O que dizer então sobre o que Cristo disse: Ide para o fogo eterno (Mt 25,41)? Agostinho disse: Ele disse isso aos pecadores. Félix disse: Esses pecadores, por que não foram purificados? Agostinho disse: Porque eles não quiseram [isso]. Felix disse: Porque eles não quiseram — você disse isso? Agostinho disse: Sim, eu disse: Porque eles não quiseram (*O debate com Félix, o Maniqueano* 2, 8 apud MARTINS, 2023).

Em resposta a Felix, Agostinho afirma que o fato de alguns não serem salvos é porque, pelo livre arbítrio, escolheram não ser salvos.

Noutro texto, o bispo afirma: “O Deus misericordioso, querendo livrar os homens, enviou Seu Filho unigênito” (Ao instruir o ignorante, 52 apud MARTINS, 2023). Para ele, desde sempre Deus quis salvar o ser humano, tanto é que enviou Seu Filho para apresentar o caminho de conversão.

Com o passar do tempo, parece que Agostinho mudou o rumo das suas discussões. Mas não se trata de uma mudança no modo de escrever, pois nas mesmas obras em que ele é radical sobre a predestinação ao céu, que era uma visão equivocada, ele lança luzes sobre a Graça de Deus. Portanto, pode-se dizer que ele, na verdade, não tem convicção sobre o seu posicionamento, ou ainda, deve ter escrito sobre a Graça nos momentos em que esteve aberto à luz de Deus. É, talvez, um momento de descuido da racionalização das suas ideias e assim consegue apresentar o que realmente é verdade dentro de si, a ação eficaz da Graça de Deus.

A experiência de sua conversão intelectual e moral contribuiu para que pudesse entender a conversão e a salvação não como um esforço próprio, mas como graça gratuita de Deus. “A reação à antropologia pelagiana, que exaltava as forças morais da vontade humana, levou-o a exaltar a iniciativa e soberania da graça de Deus” (BINGEMER, FELLER, 2003, p. 91).

A graça é um dom para a conversão, deste modo, não a temos por que merecemos, mas porque precisamos. Por isso, quando o homem pensa ter merecimento, deve atribuí-lo a Deus e não a si próprio. “Não me deixeis, não me abandones, meu Deus salvador” (Sl 27,9). Este Salmo faz o homem reconhecer que sem a graça ele fica totalmente abandonado. “Iahweh, teu favor me firmara sobre fortes montanhas” (Sl 30,8).

Agostinho está combatendo de todas as formas os pelagianos.

Mas como os pelagianos ensinam que somente esta graça que perdoa não é concedida de acordo com nossos merecimentos, mas a que será outorgada no fim, ou seja, a vida eterna, será concedida por força de nossos méritos anteriores, é necessária uma resposta. Se nossos merecimentos significam também dons de Deus, não há o que reprovar. Porém, se os méritos humanos significam a aquisição deles por nós mesmos, o Apóstolo responde-lhes à altura: Pois quem é que distingue? Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesse recebido? (1Cor 4,7) (AGOSTINHO, 2014, p. 18).

Na carta de Tiago conclui-se esta citação quando o apóstolo diz que todo dom e toda dádiva vêm de Deus (Tg 1,17). Por isso, não cabe ao homem, por si próprio, considerar-se bom.

2.5 Jesus Cristo, a graça por excelência

Ao abordar o tema da graça a partir de Agostinho, é importante destacar que para além de um conceito, graça é a própria pessoa de Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem para a salvação de todos. Portanto, ela não é algo de Deus dado ao homem, mas é o próprio Deus, feito homem em Jesus Cristo pelo Espírito Santo (COUTINHO, 1997, p. 28).

A graça é dada a todos, mas é preciso que o homem responda. Diante disso, como já visto, será possível ao homem responder a este chamado?

Na obra *A Trindade*, o bispo faz uma distinção entre o que Deus é em Si mesmo (*Ad intra*) e a sua ação reveladora (*Ad extra*) que é por onde Deus se manifesta. Nisso consta também a trindade econômica, de onde Deus se dá a

conhecer e age. Revelando-se como trindade, as pessoas divinas são inseparáveis nas suas ações (*Ad extra*) (AGOSTINHO, 1994, p. 22).

A revelação de Deus manifesta-se na trindade. “Ele é Pai, Filho e Espírito Santo. E estas Três Pessoas são distintas entre si, mas inseparáveis nas Suas ações *Ad extra*” (COUTINHO, 1997, p. 28). A inseparabilidade das Pessoas divinas é o pressuposto da cristologia agostiniana, a qual foi desenvolvida especialmente como resposta aos que não aceitavam Jesus Cristo como “Verbo de Deus, consubstancial ao Pai, único Mediador entre Deus e os homens pela Sua encarnação, morte e ressurreição e pelo dom do Seu Espírito” (COUTINHO, 1997, p. 29).

Pela encarnação do Verbo, Deus faz-se homem no Filho para nos levar à plenitude. Deus quer reestabelecer a imagem e semelhança por meio da vitória sobre o pecado e a morte de modo que possamos participar da comunhão trinitária.

Para Agostinho, a encarnação é a “mais bela das graças” (AGOSTINHO, 1996, p. 304). Pois por ela chega a nós o espírito de amor concedido pelo próprio Deus. Por este mistério o humano aprende a olhar a cruz e dela aprender um caminho de superação do pecado e da morte. Ela é, na verdade, símbolo do amor (COUTINHO, 1997, p. 32).

Nós vimo-lo, não tinha nem forma nem beleza, mas o seu rosto estava desfigurado e era desprezado pelos homens, como homem das dores, experimentado no sofrimento (Is 53,2s). É a disformidade de Cristo que te forma. Se Ele não quisesse ter sido disforme, tu não terias podido recuperar a forma que havias perdido. Ele pendia, disforme, da Cruz, mas a sua disformidade era a nossa beleza. Nesta vida, unimo-nos a Cristo desfigurado. Que quer dizer, Cristo desfigurado? Longe de mim a ideia de me querer glorificar, a

não ser na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo foi crucificado para mim, e eu para o mundo (Gal 6,14). Eis a disformidade de Cristo (COUTINHO, 1997, p. 33).

Jesus Cristo congrega a natureza humana e divina e media a relação entre Deus e o homem. “Convinha que o mediador entre Deus e os homens tivesse semelhança com Deus e os homens; pois se se parecesse com os homens, estaria longe de Deus, e se fosse semelhante só a Deus, estaria longe dos homens. Assim não haveria mediador!” (COUTINHO, 1997, p. 33).

Jesus Cristo recebe do ser humano a morte e nos oferece a imortalidade.

Diz-nos Ele: Eu não podia morrer; tu, homem, não podias viver. Tomei de ti de que morrer por ti; toma de Mim de que viver comigo. Façamos uma troca: Eu dou-te, dá-Me tu também. Eu recebo de ti a morte, recebe tu de Mim a vida. Desperta, vê aquilo que te dou, aquilo que recebo. Eu que sou o Altíssimo nos céus, recebi de ti a forma de escravo; Eu, tua saúde, recebi de ti as feridas; Eu, tua vida, recebi de ti a morte. Eu, o Verbo, fiz-Me carne para poder morrer. Junto do Pai não tinha um corpo de carne; tomei do que era teu, para te poder resgatar. [...] Morri na tua carne; tu, vive da Minha vida (COUTINHO, 1997, p. 35).

Jesus Cristo mostra o caminho para o Pai. Na certeza da imortalidade, Deus se faz homem mortal para mostrar a eternidade e assim conduzir todos à plena felicidade, à graça total. Ele, além de indicar o caminho, percorreu o caminho de regresso ao Pai.

Toda a obra da criação é regenerada pela encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Portanto, de forma progressiva a salvação acontece. Na contemporaneidade da ressurreição, somos chamados à conversão, de

modo que no tempo dos homens, ou seja, hoje, em Cristo possamos chegar ao tempo de Deus que é definitivo e estável (COUTINHO, 1997, p. 57).

Considerações finais

Ao chegarmos ao fim deste percurso, tendo feito algumas investigações sobre a predestinação e a graça, a partir de Agostinho de Hipona, verificamos que Agostinho é um exemplo claro da ação da graça de Deus. Assim como mencionamos nos últimos tópicos, que a graça é processual, vemos que durante toda a vida do bispo houve sinais de conversão.

Evidentemente que os apontamentos feitos pelos pelagianos contribuíram para que Agostinho empreendesse estas investigações, mas muito maior foi a graça que o conduziu no caminho. Apesar dos equívocos na compreensão das Escrituras, e isso é razoável, considerando o período em que viveu, Agostinho soube conduzir e dar respostas ao seu tempo e iluminou o nosso.

Mas a grande ênfase se dá a partir do momento em que ele se dá conta que “nós agimos, mas Deus opera em nós o agir” (AGOSTINHO, 2014, p. 55). Esta lúcida afirmação é o grande sinal de que não somos autossuficientes e que apesar das potencialidades que existem no ser humano, todas são porque Deus nos dá.

Sobre o pecado original, este não será motivo do nosso afastamento de Deus, e como diz Karl Barth, o ser humano não tem autorização para verificar quem está eleito e quem está repudiado. Não podemos nem ao menos fazer a verificação de que há eleitos e abandonados como se fossem classes diferentes (1986, p. 251).

Por fim, Agostinho aponta o Cristo como doador da graça, pois veio ao mundo por todos e para salvar a todos. Deus se faz homem para nos levar à plenitude, mas espera de nós que a desejemos e busquemos, pois ele não nos força. Em Jesus percebemos o caminho da graça.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **A graça I**. São Paulo: Paulus, 2014.

AGOSTINHO, Santo. **A graça II**. São Paulo: Paulus, 1999.

AGOSTINHO, Santo. **Cidade de Deus**. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997.

AGOSTINHO, Santo. **A trindade**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1994.

BARTH, Karl. **Dádiva e louvor**. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

BINGEMER, Maria C. L.; FELLER, Vitor G. **Deus-amor: a graça que habita em nós**. São Paulo: Paulinas, 2003.

COUTINHO, Maria da Graça P. A graça e o tempo em Santo Agostinho. **Didaskalia**, v. 31, n. 2, p. 27-70, 1 jun. 2001. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/1553>. Acesso em: 9 out. 2023.

LADARIA, Luiz Francisco. **Introdução à antropologia teológica**. São Paulo: Loyola, 1998.

MARTINS, Petter. Santo Agostinho sobre a graça e a predestinação. **Cooperadores da verdade**. 11 jan. 2023. Disponível em: <https://cooperadoresdaverdade.com/santo-agostinho-sobre-a-graca-e-a-predestinacao/>. Acesso em: 11 out. 2023.

ROSA, José M. Silva. De la dignidad natural a la dignidad moral. Santo Agostinho e a “graça da predestinação”. «Amei Jacob e odiei Esaú» (Mal, 1, 2-3) e / sou “Deus quer que todos os homens sejam salvos” (1 Tm, 2, 4)? **Diálogos de la dignidad del hombre: libertad y concordia**. Salamanca, ed. 1, p. 55-68, dez 2022. Disponível em: <https://docplayer.com.br/233483900-Dialogos-de-la-dignidad-del-hombre-libertad-y-concordia.html>. Acesso em: 5 out. 2023.

SANTOS, Luciene Virgínia M. F. dos; NOVÔA, Leila da Silva; SOUZA, David Rubens de. Dialogando com Agostinho, Calvino e Karl Barth sobre eleição e predestinação. **Revista de iniciação científica: Ciências humanas, saúde e sociais**. FADAB, v. 1 n. 01, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fabad.edu.br/index.php/RICF/article/view/17>. Acesso em: 11 out. 2023.